

Nas entrelinhas: um estudo sobre a concepção de Educação Ambiental no Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Chapecó

Between the lines: a study on the conception of Environmental Education at the Federal Institute of Santa Catarina – Campus Chapecó

Asley di Luca da Silva Vieira

Asley.diluca@gmail.com.

João Vicente Alfaya dos Santos, Mestre em Educação.

Santosalfaya@gmail.com.

RESUMO

A Educação Ambiental tem sido discutida com constância na atualidade, manifestando-se em escolas e em vários âmbitos distintos, buscando sensibilidade e conscientização em relação à visão que se tem sobre o meio ambiente. Nesse sentido, à procura de exemplos que mostrem os lugares em que pode estar a ocupar, o presente estudo busca analisar com qual concepção de Educação Ambiental as práticas do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, estão alinhadas. Os objetivos específicos do trabalho são 1) compreender a bifurcação da racionalidade ambiental; 2) conceituar as diferentes vertentes de Educação Ambiental e 3) verificar qual a concepção de Educação Ambiental o Instituto Federal de Santa Catarina está alinhado. Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Num primeiro momento, de revisão do status quaestionis (que será baseado sobretudo em livros e artigos), a discussão se voltará à origem dos problemas ambientais, perpassando as concepções e atuais discussões sobre a temática ambiental. Após isso, num segundo momento, serão aplicados questionários semiestruturados, com perguntas abertas, direcionados à coordenação e gestão da instituição, buscando, a partir disso, apreender os indicativos que tornem possível chegar à resposta do objetivo geral de pesquisa. Chegou-se à conclusão que as macrotendências do IFSC oscilam entre a concepção Conservacionista e Pragmática.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Concepções. Instituto Federal de Santa Catarina

ABSTRACT

Environmental Education has been constantly discussed nowadays, manifesting itself in schools and in several different areas, seeking sensitivity and awareness in relation to the view that one has on the environment. In this sense, looking for examples that show the places in which it may be occupying, the present study seeks to analyze with which conception of Environmental Education the practices of the Federal Institute of Santa Catarina, Chapecó campus, are aligned. The specific objectives of the work are 1) to understand the bifurcation of environmental rationality; 2) to conceptualize the different aspects of Environmental Education and 3) to verify which conception of Environmental Education the Federal Institute of Santa Catarina is aligned with. As for the methodological aspects, it is a bibliographic and qualitative research. At first, a review of the status quaestionis (which will be based mainly on books and articles), the discussion will turn to the origin of environmental problems, passing through the conceptions and current discussions on the environmental theme. After that, in a second moment, semi-structured questionnaires will be applied, with open questions, aimed at the coordination and management of the institution, seeking, from this, to apprehend the indicatives that make it possible to reach the answer of the general. It was concluded that the macro trends of the IFSC oscillate between the Conservationist and Pragmatic conceptions.

Keywords: Environmental education. conceptions. Federal Institute of Santa Catarina

1 INTRODUÇÃO

Os desastres ambientais, na contemporaneidade, cada vez mais se têm tornado frequentes, e em razão disso surge a necessidade de reflexão sobre a preservação do meio ambiente, assim como sobre o justo-meio imprescindível para que isso aconteça. Há discussões em cujos olhares fitam para a reconciliação entre o sistema econômico vigente e a preservação ambiental, outros, ressalta Leff (2008), descartam tal medida a longo prazo.

O consenso, em relação a uma visão crítica, é que o capitalismo impulsiona e leva ao individualismo e à insustentabilidade – e isso é nítido à proporção que grandes empresas desmatam e poluem buscando o aumento de seus lucros –, porém acredita-se que a mudança encontrar-se-ia não numa alternativa puramente econômico-pragmática (como o manejo florestal, por exemplo), mas sobretudo na consciência e sensibilização, construindo, através da Educação Ambiental, uma cultura ecológica.

Nesse sentido, como a Educação Ambiental tem se englobado em várias esferas distintas, dentre as quais as escolas, a necessidade da pesquisa emergiu da seguinte questão: por meio de qual concepção de Educação Ambiental as práticas ambientais nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Chapecó, estão sendo pautadas? É já sabido que Institutos Federais focam seu ensino principalmente para uma formação técnica, e são uma das modalidades de ensino que crescem constantemente, e esse foi o principal motivo para a realização da pesquisa, isto é, compreender se e como ocorre essa integração entre o ensino tecnológico e a Educação Ambiental.

O objetivo geral, seguindo a mesma linha, foi analisar com qual concepção de Educação Ambiental os projetos e as práticas de sustentabilidade do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, estão alinhados.

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Num primeiro momento, de breve revisão do *status quaestionis* (que será baseado sobretudo em livros e artigos), a discussão se voltou à origem dos problemas ambientais, perpassando as concepções e atuais discussões sobre a temática ambiental. Após isso, num segundo momento, aplicaram-se questionários, com perguntas abertas,

direcionados à coordenação e gestão da instituição, buscando, a partir disso, apreender os indicativos que tornam possível chegar à resposta do objetivo geral de pesquisa.

O presente estudo, por seu caráter sintético, limita-se no sentido de reduzir o *locus* de pesquisa apenas ao campus Chapecó.

2 AS BIFURCAÇÕES DA NATUREZA E O NASCIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Desde há muito o homem carrega em si o ímpeto de transformar a natureza, ao passo que esse é o meio pelo qual ele se humaniza (MARX, 2011). Sempre se utilizou dos recursos naturais como forma de subsistência, seja para a construção de casas, alimentação ou mesmo para o trabalho. No entanto, durante esse percurso, e a partir da consolidação do modelo econômico capitalista, a cosmovisão harmônica existente entre o homem e a natureza paulatinamente se alterou, o que levou ao estado atual de coisas, de degradação ambiental e do individualismo, que, como frisa Carvalho (2011), desembocaram na quintessência da tragédia, da quebra da linha tênue entre o indivíduo e o seu entorno: o antropocentrismo.

Nesse sentido, efetivamente, pode-se dizer que a relação de destruição do meio ambiente originou-se do ímpeto pelo desenvolvimento e pelo progresso que, segundo Morin (2001), trouxe vertigem nas sociedades que, à procura do progresso incessante, seguiram em busca do almejado futuro auspicioso que sacrificou o meio ambiente em detrimento de um acúmulo de capital que não parece ter um limite. Esse ideal abstrato justificou as nefastas ditaduras do século XX, tanto as de conjuntura socialista quanto as de modelo capitalista ocidental e, com as crises advindas desse panorama – e com o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação –, o cenário mundial começa a interconectar-se, e essa globalização desde logo também é alavancada pelo neoliberalismo, o qual suscitou no consumismo compulsivo dos indivíduos, na desigualdade social e nas imigrações em grande escala.

Indo nessa direção, Leff (2008) traz à tona o ecodesenvolvimento – que nada mais foi que uma verdadeira tentativa de unir preservação com o progresso –, o qual surgiu como estratégia para a reconstrução dos modelos econômicos que se manifestam como principais causadores da crise civilizacional que a todo instante se expande. Essa reconstrução, assim, pretende criar novos princípios não apenas para a produção, mas

também para estilos de vida, tal como a luta contra a desigualdade social e a conservação das diversidades e as perspectivas de desenvolvimento.

Dentro desse contexto, o que se buscou fora um novo conceito para dissolver a inerente contradição entre preservação dos recursos naturais e desenvolvimento econômico, um engodo reducionista que pôs um lençol para, subitamente, camuflar seus interesses e desejos (LEFF, 2006). A partir daí o discurso foi se modificando com a pretensão autoevidente de diluir os potenciais críticos do ecodesenvolvimento e, no lugar deste, sobrepô-lo com um novo conceito que atendesse às necessidades do capital e da globalização: o desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, o desenvolvimento sustentável começou a antever um ideal de contentamento das atuais necessidades da população global sem o comprometimento do bem-estar das futuras gerações. Esse novo discurso suprimiu as questões sociais e voltou-se as condições ecológicas, dissociando o ambiental do social – que pressupõe sustentabilidade, justiça, igualdade e os ideais democráticos – e, com efeito, esse conceito “não definiu um sentido teórico e prático capaz de unificar as vias de transição para a sustentabilidade” (LEFF, 2008, p. 21).

Em síntese, é possível perceber que, ao longo dos séculos, a relação homem-natureza foi pouco a pouco se alterando, até que ambos se encontrassem em pólos quase opostos (não no sentido de utilidade, já que a natureza tornou-se apenas um objeto mercantilizado, mas na visão de desarmonia entre um e outro), desencadeando problemas ambientais e suprimindo as reais tentativas de mudança.

2.1 Das concepções de Educação Ambiental

Como foi possível notar no tópico anterior, as discussões em torno da temática ambiental, desde sua gênese, esteve indissociavelmente conectada a ideologias que, em lados opostos, entravam e ainda entram em conflitos, em busca de seus interesses e desejos. No entanto, em meio às resistências contra a crise ambiental, a alternativa de sensibilização, através do processo de ensino-aprendizagem, apareceu como uma medida que buscou um bem comum por meio de atitudes individuais e coletivas: a Educação Ambiental.

No entanto, a princípio, as primeiras tentativas de trabalhar a temática ambiental partiam de uma abordagem estéril e biologizante. Nesse ínterim, Layrargues e Lima (2014) frisam que a Ecologia Política traz, em fins da década de 1970, discussões das

ciências sociais e humanas e as englobam ao ecológico, que estavam sendo tratadas apenas por um prisma puramente despolitizado e biológico das problemáticas ambientais, dissociando-lhes de seus aspectos sociopolíticos. A partir de então, há um olhar analítico que se debruça em torno dos panoramas de desenvolvimento e cultura, aos conflitos ideológicos e de classe, e das relações que o mercado estabelece com o Estado e a sociedade.

Nessa direção, Layrargues (2002) explica o cinismo intrínseco à reciclagem. Em outros tempos, principalmente em meados do século XX, os produtos tinham uma alta taxa de durabilidade; eram feitos com uma qualidade muito elevada. Contudo, quando se percebeu que, se durassem menos, seria necessário comprar novamente os produtos, houve uma negativa adaptação a fim de potencializar o ganho de capital. Além disso, com as propagandas, a necessidade de se ter sempre o produto mais atual – para se adquirir ou manter o status social – fez com que o consumo aumentasse exponencialmente, isto é, ainda que o produto estivesse dentro de sua vida útil, já estava simbolicamente ultrapassado, porque a procura seria pelos mais novos.

A partir desse exemplo, é possível notar que o discurso ideológico hegemônico busca maneiras de se sobressair e conservar o *status quo*. Em contrapartida, o discurso progressista busca, do lado oposto, mudar esse estado coisas, pois percebe que, com isso, haverá mudanças reais, e é nesse ponto que as macro-tendências (nas atividades de Educação Ambiental) revelam suas concepções de mundo e suas noções daquilo que é preservação (GADOTTI, 2000).

Layrargues e Lima (2014) dividem as macro-tendências de Educação Ambiental em três: a conservacionista, a pragmática e a crítica. A primeira delas, que se manifesta das vertentes do conservacionismo (isto é, a Comportamentalista, a Alfabetização Ecológica, entre outras), busca conectar os indivíduos à natureza, através de uma educação ao ar livre, na tentativa de criação de vínculos afetivos que, por sua vez, trariam mudanças comportamentais, promovendo transformações culturais dissociadas do antropocentrismo. Essa tendência é arraigada historicamente, e está ligada às pautas verdes, ao ecoturismo e às unidades de conservação. Carvalho (2011) afirma que, em razão de sua essência, o potencial da tendência conservacionista é pequeno porque, distantes da configuração sociopolítica, não há nela uma força que se movimente em favor da mudança social, mas apenas ignora os conflitos constantemente presentes nas dinâmicas da sociedade.

Menezes (2013) pontua que o conservacionismo não raro se confunde com o conservadorismo, tanto em relação à educação quanto à sociedade, pois não questionam

a conjuntura estabelecida totalmente, mas apenas em partes convenientes. Muito embora as mudanças culturais, que influenciam no comportamento, tenham grande relevância, elas sozinhas não conseguem se concretizar sem que se transforme a estrutura sócio-político-econômica – que é a raiz do problema.

Layrargues (2002) traz à tona a segunda macrotendência, a pragmática, a qual abrange as percepções sobre noções de desenvolvimento sustentável, no entanto direcionadas à educação. Seu foco é sobretudo os resultados, a efetividade, vindas do pragmatismo hodierno. A noção de técnica, de eficiência – cujo cerne advém do pensamento neoliberal – é o foco dessa macrotendência. Dessa forma, a lógica inerente ao sistema de mercado acaba se sobrepondo às demais esferas, sendo o consumo e a hegemonia do capital prevaletentes. Sua principal preocupação está nos resíduos sólidos, no desenvolvimento limpo e na responsabilidade social e ambiental. Essa vertente vê o meio ambiente como um objeto, dissociado de quaisquer valores humanos; apenas recursos que estão chegando aos seus limites. A noção de resíduos deixa às claras essa percepção, uma vez que estes poderão ser reutilizados, sendo novamente úteis, seguindo a lógica do mercado. A concepção pragmática, portanto, traz o conceito de sustentabilidade às discussões ambientais, mas deixa de lado questões originárias sobre a crise ecológica, focando-se num meio pragmático de resolvê-la.

Por sua vez, a Educação Ambiental Crítica surgiu no Brasil num contexto de redemocratização, com uma maior politização social. Esse ambiente fértil (inclusive com a Conferência Rio-92) e de positivas mobilizações fez com que os movimentos sociais trouxessem as pautas ambientais entre suas demandas. Nesse sentido, emerge disso uma concepção de ambiente que relaciona vieses políticos e sociológicos, de cidadania e democracia, participação e emancipação do sujeito: a Educação Ambiental Crítica (GADOTTI, 2000).

A Educação Ambiental Crítica surge com o forte pensamento da complexidade, muito discutido com Morin (2001), segundo o qual problemáticas complexas e multifacetadas não podem ter soluções reducionistas. Como consequência, através dessa tendência os dualismos simplificadores são dissolvidos, retirando a noção comum entre sujeito e objeto do conhecimento, buscando ressignificá-los. Tendo a complexidade como ponto de partida, incorpora-se à discussão questões do indivíduo, das subjetividades e das culturas, que nascem no seio das transformações nas sociedades pós-modernas. Tanto a dimensão sociopolítica quanto a educacional não são vistas de modo isolado, mas englobadas dialogicamente por meio da interdisciplinaridade (LAYRARGUES, 2004).

Ao fim e ao cabo, as macrotendências em Educação Ambiental não se mostram como etapas históricas lineares, mas como visões ideológicas distintas, que buscam soluções distintas para a temática ambiental. Enquanto algumas abordam a temática somente de maneira superficial, com a intenção de manter o *status quo*, outras trazem o conflito desde sua gênese, a fim de mudar esse estado de coisas. Na atualidade, como já foi dito, as três macrotendências são ativas em esferas várias da sociedade contemporânea.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionário online (que está anexado no final do trabalho) divulgado entre TAES e professores do IFSC, campus Chapecó. Dentre estes, 6 (seis) responderam o questionário, sendo 3 (três) deles do setor Técnico-administrativo em educação (TAE) e os outros 3, professores. Os funcionários TAE foram denominados, a fim de ocultar suas identidades, de T1, T2 e T3; e os professores, seguindo o mesmo princípio, de P1, P2 e P3. Dessa forma, buscando distinguir e relacionar as macrotendências, as diferentes práticas e projetos foram classificadas conforme Layrargues e Lima (2014).

Para a análise de dados utilizou-se o método de análise textual discursiva que, conforme Moraes e Galiazzi (2006), é descrita como um processo cujo primado está na unitarização dos textos, vistos como unidades de significado. E é desse material que as interpretações são vistas e analisadas à luz de outras vozes, articulando-as de modo a categorizá-las. Esse método foi a base analítica para definir as concepções e macrotendências do IFSC.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na intenção de compreender por meio de qual concepção de Educação Ambiental as práticas ambientais no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), campus Chapecó, estão sendo pautadas, o presente tópico teve a pretensão de categorizar a visão dos respondentes.

A princípio, quando questionados a respeito do grau de conhecimento em Educação Ambiental e como avaliam seus conhecimentos sobre o assunto, as respostas penderam por dois ângulos – isto é, afirmações que diziam que os funcionários da

instituição estão por dentro das informações, mas não saberiam lidar com situações que envolvam o tema (sendo essa visão majoritária), e, por outro lado, dois dos seis respondentes (P1 e P3) disseram que tanto estavam conscientes das pautas ressaltadas pelo IFSC que poderiam até mesmo orientar projetos que envolvessem, em alguma medida, a sustentabilidade e a Educação Ambiental.

Ao serem perguntados sobre o modo que definiriam meio ambiente, as respostas tiveram um sentido quase homogêneo, como sendo "todo ambiente que nos rodeia, composto pela natureza e nós, seres humanos (T1)", "o lugar onde nascemos, vivemos e iremos morrer (T2)", "espaço e condições em que os seres se inserem (T3)", "[...] parte fundamental da existência humana, envolve o ser humano, a fauna, flora, os recursos naturais e tudo que depende da existência desta matéria viva (P1)", "Tudo que seja de material orgânico, que nos rodeia (P2)" e "[...] o ecossistema de que envolve todos os reinos, mineral, vegetal, animal e hominal (P3)".

Nesse sentido, à luz das discussões de Layrargues e Lima (2014), é possível notar que grande parte dos conceitos de meio ambiente assinalados pelos entrevistados se inserem na macrotendência conservacionista, uma vez que são vistos como recursos ou de um ponto de vista puramente social (como um lugar em que se vive) ou biologizante, dissociado de seu prisma histórico e político. A fala de T3, no entanto, ao usar o termo "espaço e condições em que os seres se inserem", mostra uma inclinação à uma visão crítica de meio ambiente, ao passo que, sendo condicionado, isto é, mudando em sucessões incertas – pois o meio socioambiental se alterou desde as auroras do tempo e continua a se alterar – mostra-se uma visão que leva em conta as influências fenomenológicas e do próprio ser em relação ao seu entorno.

Em relação às atitudes consideradas essenciais para reverter os problemas ambientais que têm surgido, as respostas obtidas foram as seguintes:

Com certeza a reciclagem é tarefa essencial, além da diminuição de liberação inadequada de todo tipo de poluentes por todos nós, principalmente pelas empresas (T1, 2022).

Evitar o desperdício, com o uso consciente dos recursos naturais (T2, 2022).

Rever comportamentos de exploração do ambiente (T3, 2022).

Acredito que a sustentabilidade é a chave para a conservação e preservação ambiental, pois permite usufruir dos recursos naturais no momento presente e, vai além, permitindo pensar nas gerações futuras, por meio dos eixos da sustentabilidade (ambiental, cultural, econômico e social) (P1, 2022).

A única é extinguir a raça humana. Não existe outra solução. Não dá para ser ingênuo (P2, 2022).

Educação, permitir que as pessoas entendam como ocorre a inter-relação entre os ecossistemas (P3, 2022).

Nesse sentido, percebe-se que o discurso de T1 vai de encontro com as críticas feitas por Layrargues (2002) ao versar sobre o cinismo da reciclagem, ao passo que se cria uma falsa noção de sustentabilidade, quando na verdade nada mais é que um comportamento adequado frente ao lixo, que facilita na seleção e posteriores reciclagens de itens despejados, sem nada alterar em fatores culturais. Assim, esta é uma visão alinhada à macrotendência Pragmática ou ingênua, pois acredita que medidas epidérmicas, como reciclagem, possuam algum impacto relevante. As falas de T2, T3 e também de P1, num certo sentido, seguem o mesmo primado: uma forma de conciliar os interesses da atual geração sem comprometer o bem-estar das que ainda estão por vir. No entanto, a resposta para o problema aparece de um meio técnico – como se a ciência e a tecnologia fossem, à medida de sua evolução, resolver o problema. Com efeito, todas as visões dos quatro entrevistados apontam para a macrotendência Pragmática, segundo a qual os resultados são os mais importantes, e para a qual a técnica alcançaria a melhor maneira de acabar com os problemas ambientais.

Quanto ao que afirmam P2 e P3, é possível notar que para aquele não há qualquer salvação no que toca à situação ambiental senão a extinção da humanidade, pois que lhe parece inato ao homem o impulso explorador, egoísta e destruidor (esboçando um certo niilismo, porém sem sequer cogitar a superação do modelo econômico vigente), enquanto que para este o meio de resolver está na educação, isto é, numa forma de mudança e ressignificação cultural.

Outro ponto ressaltado no questionário é se há, no IFSC, projetos que envolvam sustentabilidade e Educação Ambiental nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica, e como eles acontecem. Com exceção de um dos entrevistados, as respostas foram pontuais, porém demonstravam que existem projetos em relação à temática anualmente, como se pode observar nas seguintes declarações: “é feita a separação do lixo, compostagem. O papel já utilizado é enviado ao verde vida (T2)”, “há uma comissão de sustentabilidade e existem várias ações sustentáveis (T3)”, “temos editais específicos nessas áreas e também iniciativas em editais gerais e em algumas Unidades de Curriculares (P2)” e “há projetos que envolvem sustentabilidade, e a educação ambiental é um tema transversal (P3)”.

As respostas remetem a várias e distintas medidas adotadas em sustentabilidade e Educação Ambiental. Algumas medidas são pontuais e menores, como a separação de lixo; outras mostram o sentido de reutilização sustentável e outra fala, de P3, revela um modo de acontecer a Educação Ambiental multifacetadamente, isto é, através da interdisciplinaridade, ao passo que é um tema transversal.

Além disso, P1 afirma que no IFSC tem-se uma Comissão Sustentável, que desenvolve ações voltadas à sustentabilidade no campus, retomando as ações semestralmente e com projetos para 2023 (devido à pandemia da COVID). Há ainda as oficinas no ensino médio integrado (EMI), voltadas para temas de sustentabilidade e meio ambiente, tal como os projetos integradores (PROEJA), voltados para o meio ambiente e energias renováveis e sustentáveis, dentre outras ações desenvolvidas em projetos de pesquisa e extensão que carregam em si noções de uma Educação Ambiental Pragmática.

Em relação aos projetos de sustentabilidade ou de Educação Ambiental e seus resultados concretos na instituição, T1, T2 e T3 disseram que não houve efetivo resultado. No entanto, as respostas dos professores entrevistados contrastou com a visão dos outros funcionários:

Nos últimos anos, acredito que houve grande avanço na conscientização ambiental entre estudantes e servidores, muito embora, a pandemia tenha estagnado os processos por 2 anos. Mas mesmo assim, as ações sustentáveis fazem parte do dia a dia do campus. As estratégias de aproveitamento de energia solar, por meio dos painéis solares, já contribuem sobremaneira para economia de energia, assim como, projetos e adequações para captação de água da chuva para uso em sanitários e limpeza geral. Além dos diversos exemplos de ações desenvolvidas em oficinas de integração e projetos integradores dos cursos do IFSC (P1, 2022).

Que esteja funcionando hoje, acho apenas os painéis solares e a coleta de água da chuva da garagem. Muitos outros foram feitos, mas acho que não estão mais operacionais (P2, 2022).

Existem vários projetos que envolvem estudantes do ensino médio. Composteira, criação de abelhas, horta, espaços humanizados, uso de lixeiras para separação do lixo (P3, 2022).

Nessa perspectiva, nota-se que os projetos possuem um estratagema de aproveitamento dos recursos naturais e na reutilização ecológica de materiais. Além desse aspecto, os projetos também envolvem a participação dos alunos, trabalhando com reciclagem e plantação (um contato maior com o meio ambiente), como se mesclasse as macrotendências Pragmática e Conservacionista, respectivamente. Há aí porém um ideal ainda engendrado e também alinhado aos interesses do capital, sob a forma de neoliberalismo, que Souza e Neta (2021) afirmam estar se dissolvendo a pouco e pouco, para que a Educação Profissional e Tecnológica ganhe um perfil tanto mais crítico quanto menos instrumentalizador for, diferente do que se mostrava em sua fase incipiente.

Ao cabo, inquiriu-se se havia algo que os entrevistados gostariam de comentar ou relatar, tal como uma experiência de algum projeto envolvendo a temática ambiental

ao qual conheceram ou participaram, e a maioria afirmou não ter participado dos projetos. Por outro lado, houve duas respostas sobre o último tópico que vale salientar.

Acompanhei o projeto de coleta de água da chuva, da implantação de lixeiros seletivos, orientações em ambientes coletivos (como banheiros e cozinha), considerei muito interessante, mas é um trabalho que precisa ser permanente pois nosso público (alunos) são transitórios (T3, 2022).

Alguns exemplos: biomassa para produção de energia – biodiesel para produção de energia; painéis solares; captação de água nos blocos; horta; minhocário; aproveitamento de água dos condicionadores de ar para as plantas, em sistema vertical de plantio; agrofloresta; dentre outros (P1, 2022).

Ao longo de suas exposições, como é possível perceber, T3 e P1 passaram por vários projetos que, por suas ações práticas e de contato com o meio ambiente, se conectam e inclinam entre a macrotendência Conservacionista e Pragmática (LAYRARGUES; LIMA, 2014). Além disso, um problema é destacado: a descontinuidade do ensino; já que, saindo do IFSC, não há garantias de que o trabalho de sensibilização e consciência ambiental será continuado noutros âmbitos da vida.

5 DELIBERAÇÕES DO ESTUDO

As análises feitas no tópico anterior revelam as concepções de Educação Ambiental e de meio ambiente presentes no Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, e é deste ponto-chave que se seguirão as deliberações.

Antes de adentrar na proposta central, é importante acentuar um problema que se mostrou recorrente ao longo do processo de pesquisa e do direcionamento de questionários online àqueles que viriam a ser os participantes. O setor de comunicação, embora tenha enviado o questionário, teve um retorno exíguo em participação – mesmo com insistências em pedidos de reenvios para se alcançar uma maior amostragem. Esse problema de comunicação se manifestou também nas respostas obtidas, uma vez que apenas os professores tinham uma noção mais aprofundada dos projetos que acontecem (e aconteceram) na instituição. Por parte dos técnicos-administrativos em educação, as respostas sinalizaram o conhecimento de que havia algo sendo feito, mas estes profissionais tanto não sabiam dizer o que eram como também não participaram efetivamente das ações e projetos. Dessa forma, propõe-se melhorias no câmbio de informações no IFSC, seja por meio de uma melhor organização, seja pela contratação de profissionais que consigam potencializar esse setor.

Já no que toca às macrotendências, percebeu-se a persistência na adoção de uma concepção Conservacionista e Pragmática no IFSC, ainda que os Institutos Federais atualmente tenham um discurso que busca um ensino não domesticador e instrumentalizador e que vá em direção a uma abordagem crítica, conforme asseveram Souza e Neta (2021). Na prática, no entanto, isso não é percebido. Os projetos são interessantes e os indicativos sugerem razoável efetividade nas ações propostas. Na verdade, a mudança verdadeira de concepção ambiental não pode surgir tão-só de projetos isolados e desconexos, mas de uma transformação na própria cosmovisão da instituição sobre o meio ambiente e a Educação Ambiental (uma transformação epistemológica), e isso só é possível com alterações no Projeto Político-Pedagógico (CARVALHO, 2011) – uma alteração que traga, nos conteúdos mesmos, dimensões várias que são inerentes aos conflitos ambientais, que possam trazer aos estudantes um prisma político e portanto crítico desta temática, que problematizem a relação entre capital e meio ambiente e que temas como reciclagem e sustentabilidade sejam questionados criticamente.

Para isso, não são necessários recursos demasiados, mas participação e um gerenciamento democrático das vozes presentes na Instituição, através de modificações específicas no Projeto Político-Pedagógico, condensando e ordenando o conglomerado de visões numa perspectiva crítica que seja englobada pela interdisciplinaridade. Mudar o olhar sobre os conflitos ambientais, construindo sujeitos ecológicos, é a melhor alternativa a longo prazo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo – cujo intuito foi analisar através de qual concepção de Educação Ambiental os projetos e as práticas de sustentabilidade do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, estão alinhados – teve resultados reflexivos e positivos em compreender a macrotendência que permeia os projetos e práticas da instituição, isto é, o objetivo de pesquisa foi alcançado.

As respostas, nalguns pontos essenciais, trouxe o ambiente enquanto recurso e como um lugar no qual o ser humano está imerso, além dos projetos realizados, essencialmente voltados para o contato com a natureza, e com um caráter de uso sustentável e de energias ecológicas, e mostram nesse sentido um oscilar entre a

macrotendência Conservacionista e Pragmática – ambas vistas, a propósito, como parte integrante de uma mesma cosmovisão, sendo a última uma evolução da primeira.

Na Instituição, a temática ambiental aparece permeada entre as disciplinas como um tema transversal, integrado a partir da interdisciplinaridade, seguindo o estabelecido nacionalmente. No entanto, grande parte dos entrevistados (sobretudo membros técnicos-administrativos em educação) não tinham noção dos projetos realizados, o que revela uma falha no câmbio de informações sobre os projetos realizados, ou ainda uma restrição a apenas alguns colaboradores.

A pesquisa limitou-se ao campus Chapecó por seu caráter pontual e pragmático. Os questionários, por sua vez, foram enviados a todos os funcionários da instituição, mas apenas seis deles responderam. De todo modo, estudar a Educação Ambiental a partir da dinâmica distinta dos Institutos Federais é ainda demasiado importante, e por isso sugerimos que as pesquisas sejam ampliadas, por meio de uma maior amostragem, a fim de compreender como tal dinâmica acontece num contexto maior.

Através do diagnóstico das concepções predominantes na instituição, sugere-se sobretudo mudanças no Projeto Político-Pedagógico do IFSC. Ao passo que a Educação Profissional e Tecnológica busca atualmente não mais se restringir a um ensino instrumentalizador, é necessário que os conteúdos guiados pelo marco referencial – presente no PPP – tenham alterações que abordem a temática ambiental a partir de sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da terra**. 6. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2000 (Série Brasil Cidadão).

LAYRARGUES, Philippe Pomier (coord). **Identidade da educação ambiental brasileira**. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília: ministério do meio ambiente, 2004.

LAYRARGUES, Philippe. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental.

LOUREIRO, F.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002, 179-220.

LAYRARGUES, Philippe Pomier, LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira**. Ambiente & Sociedade n São Paulo v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan.-mar, 2014.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARX, Karl. **Formações econômicas pré-capitalistas**. Tradução João Maia. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. (Pensamento Crítico).

MENEZES, Débora. **Educação ambiental**. 1. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva; NETA, Olivia Moraes de Medeiros. Educação Profissional e Tecnológica no Brasil no século XIX: expansão e limites. **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n° 2, 2021.

ANEXO

QUESTIONÁRIO

1 – Entre os trabalhadores do IFSC, você é:

- a) Professor
- b) Técnico administrativo em educação (TAE)
- c) Auxiliar administrativo (terceirizado)

2 – Como você avalia seus conhecimentos a respeito do tema “educação ambiental e sustentabilidade”?

- a) Insuficiente. Não estou por dentro do assunto.
- b) Suficiente. Eu estou por dentro de algumas coisas, mas não saberia lidar com situações que envolvam este tema.
- c) Muito suficiente. Além de estar por dentro de todas as informações, me sinto capaz de auxiliar na elaboração de projetos sobre o tema.

3 – Como você definiria meio ambiente?

4 – Quais atitudes considera essenciais para reverter os problemas ambientais que têm surgido?

5 – No IFSC há projetos que envolvam sustentabilidade e Educação Ambiental nos cursos de Educação Profissional e Tecnológica? Quais são e como acontecem?

6 – A temática ambiental permeia a grade curricular dos cursos de Educação Profissional e Tecnológica?

7 – Em relação a projetos de sustentabilidade ou de educação ambiental, você saberia dizer quais resultados concretos foram alcançados?

8 – Gostaria de fazer algum comentário ou relatar alguma experiência de algum projeto envolvendo a temática do meio ambiente que você conheceu ou participou?

